



Texto:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto:
Sandro Bernardo*

«Está-me no sangue ser voluntária, porque dar sem receber faz-me sentir bem. E os escuteiros são uma forma de estar na vida.»

Lurdes Gameiro, aquilo que mais gosta, é ser escuteira. Durante a semana é professora e ao fim de semana escuteira a tempo inteiro. Podia abdicar de tudo menos de ser escuteira. Fomos conhecer esta voluntária do 941 Asseiceira, em Tomar.

Tem 41 anos, é casada há 23 anos e tem quatro filhos. A Ana Maria com 16, os gémeos Pedro e Catarina com 12 e o mais novo, o João, com 7 anos. São a sua alegria e vê-se nos olhos desta voluntária a dedicação que dá à família. Tem uma vida atribulada como professora, como mãe de uma grande família e porque é uma pessoa que se atira de cabeça a todos projetos que aparecem. «As pessoas não querem compromissos» e isso faz com que Lurdes Gameiro se empenhe e dê o primeiro passo. E, apesar dos vários projetos que se envolve, a família não fica de lado, «o mais novo já tem centenas de cursos escutistas. Eles acompanham os pais a conselhos regionais, nacionais», afirma Lurdes. Os filhos dizem que a mãe «se mete em tudo». «É bom, e gostamos, mas às vezes sente-se a falta dela», diz o Pedro, o filho mais falador dos quatro.

O seu dia-a-dia começa bem cedo, dá aulas no Entroncamento e tem de percorrer vários quilómetros para lá chegar. Mas, dar aulas foi algo pelo que lutou muito e não conseguia abdicar desta profissão. Já trabalhou numa ourivesaria, mas o marido e o sogro impulsionaram-na e incentivaram a seguir o caminho que pretendia. «Aos 18 anos foi algo que quis muito e lutei para conseguir». Tirou a licenciatura de ciências religiosas, depois fez uma pós-graduação em gestão educacional e terminou no ano passado um mestrado em educação e comunicação multimédia. Está a lecionar Religião Moral e Tecnologias da Informação e Comunicação. Lurdes recorda-se que durante o tempo que tirou estes cursos não foi fácil para a família, ausente e muito tempo fora de casa, mas afirma que consegue-se sempre encontrar tempo e disponibilidade. «A disponibilidade é a abertura interior que nós temos. Temos de ir procurar e lutar para ter as coisas».

Depois de um dia intenso de aulas, volta a Tomar para ir buscar os filhos à escola. Uma função partilhada com o marido e os avós. Chega a casa, trata de se despachar porque tem uma reunião com o grupo de psicólogos da Estefânia que fazem o acompanhamento das vítimas do tornado de Tomar, ocorrido a 7 dezembro 2010. O filho mais novo estava no jardim-escola quando o telhado voou. Antes de sair de casa deixa as



17:30 – Lurdes termina o seu dia de aulas.

instruções à filha mais velha, delega tarefas entre os outros filhos e o mais novo pede um beijinho de despedida. Um deles vem com a mãe, porque «os quatro em casa dá chatice», afirma a filha mais velha. O marido, também escuteiro, este fim-de-semana não está em casa, pois foi fazer uma peregrinação até Santiago.

Não teve vivência escutista desde pequena, apesar de ter pedido aos pais. Apenas entrou aos 19 anos pela mão do sogro. Já lá vão uns anos e daqui ninguém a tira. Está no terceiro mandato de chefe agrupamento, foi por necessidade e agora todos têm confiança no trabalho desta líder. Sente que o maior problema nesta posição é o «pouco acompanhamento por parte dos pais. A maioria nunca está disponível. E por vezes confundem o escutismo com um ATL». Acrescenta que «é um mal geral, a sociedade está cada vez mais desligada, o valor que atribuem ao escutismo e aos valores esta mais reduzido. Os pais dão valor ao que fazemos, mas estão desligados de tudo o que envolve o escutismo». Já passou por todas as secções, já foi chefe de unidade de todas as unidades. O ano passado esteve na IV e este ano está na comunidade. Mas os lobitos fazem as suas delícias, «pela vivência pela autenticidade que eles passam ao viver os imaginários».

Depois da reunião, é tempo de voltar a casa e jantar, a correr. Hoje é dia de reunião regional de chefes de agrupamento. Mas apesar de ser um jantar mais apressado, é um momento de convívio, alegria, troca de experiências, o momento onde os filhos contam as peripécias do dia.

30 minutos de viagem ate Santarém para a reunião onde foi apresentada a equipa desta nova junta regional, de que Lurdes faz parte como secretária regional. Apresentou um encontro de motivação para o progra-



ma educativo, bem como os planos de formação, recrutamento, perfil dos formandos. Lurdes afirma que os dirigentes devem estar motivados e devem lembrar-se sempre do seu papel. «O papel do dirigente é de extrema importância, damos testemunho de vida, pois somos o exemplo, é um papel pedagógico».

Para além de escuteira, é catequista, ministra extraordinária da comunhão, diretora de formação, entre outras tarefas no CNE. Na comunidade paroquial começou apenas como catequista, e não tinha tempo, no entanto «achei que era a minha obrigação e não podemos estar isolados na comunidade», por isso envolveu-se com outros projetos. Um dirigente «não pode ser só dirigente, temos que dar algo mais há comunidade», afirma Lurdes.

Mais nova teve ideia de ir em missão, mas achou que não era a sua vocação, porque sente «que a minha vocação é como mãe e mulher». Deita-se por volta das duas, a fazer a lida da casa, preparar aulas, ver emails, tratar dos assuntos escutistas. «Está-me no sangue ser voluntária, porque dar sem receber faz-me sentir bem. E os escuteiros são uma forma de estar na vida», afirma esta voluntária. Podia ir ao cinema, a espectáculos, comprar roupa, mas isso não lhe dá nada, o sentir-se útil para os outros completa-a. O «voluntariado é receber também, recebemos o crescimento dos jovens, vemos a evolução e ser escuteiro é ser diferente».

«Faço com gosto e não sei dizer que não. As vezes bem tento, mas não consigo! É bom e sinto-me bem, nas tenho muitas coisas ao mesmo tempo», assim nos respondeu porque não para quieta e envolve se em tudo.

No dia seguinte, a manhã é para ajudar os filhos com os trabalhos de casa, descansar e preparar-se para os escuteiros. Depois do almoço: «toca a despachar, estamos em cima da hora...» e o corrupio em casa para ir para os escuteiros começou. Para se chegar à sede 4 km ainda tem de percorrer, os gémeos foram deixados na sede da II secção e continua-se o caminho para deixar os outros dois filhos na catequese. Lurdes começa a catequese, está com o grupo de 11º ano, que esta a fazer a preparação para o crisma. Foi uma sessão divertida e onde todos ouvem o que a Lurdes tem para dizer. Uma hora depois vai para a sede fazer a reunião com o seu grupo de pioneiros. Fez um conselho de comunidade, para definir equipas, cargos e preparar o ano com os elementos. «É uma pessoa que cumpre o que está dito, e ajuda-nos a cumprir», afirmam os pioneiros questionados como é a chefe Lurdes. No agrupamento são muitos os elementos e os dirigentes, mas para Lurdes «não interessa a quantidade mas sim a qualidade».

Lurdes gosta de estar disponível e ajudar os outros e por isso afirma que «ser escuteira é o que mais lhe dá prazer fazer na vida».

* Email: comunicacao@aev2011.cne-escutismo.pt



18:00 – Chega a casa com os filhos



21:00 – Jantar em família é sempre um momento alto e de muita partilha



23:30 – Apresenta o seu departamento na reunião regional de chefes de agrupamento.



15:00 – Primeiro dia de catequese deste ano.



16:00 – Lurdes reúne-se com o seu grupo de pioneiros.